

IMAGENS PUXAM PALAVRAS: UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA E A PRODUÇÃO DE TEXTOS COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Simone Lopes Benevides¹
Josiane de Souza Soares²

Resumo: Este trabalho objetiva compreender como jovens do Ensino Médio leem livros de imagens, atentando, mais especificamente, para a forma como os signos não-verbais são retextualizados (MARCUSCHI, 2003) em narrativas verbais. O estudo se insere na perspectiva do letramento literário (COSSON, 2009).

Introdução

Com o intuito de ressignificar a prática da leitura literária de jovens do ensino médio, elaboramos um projeto de extensão “Leitura literária: ler as letras é ler o mundo”. A proposta estava ancorada no conceito de “letramento literário” (COSSON, 2009), concebendo-o como uma possibilidade de escolarização da literatura, não apenas como um conteúdo escolar, mas como objeto artístico, que possibilite o prazer de ler, a fruição estética, a multiplicidade de sentidos e o alargamento do horizonte social do leitor. O trabalho foi desenvolvido no Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET-RJ -, na unidade de Itaguaí³, com jovens do primeiro e segundo anos, a quem era facultada a possibilidade de se inscrever e comparecer aos encontros semanais, sem que isso acarretasse nenhuma bonificação ou penalidade.

Em um universo de 150 alunos, contávamos com apenas 12 inscritos. De certo modo, isso poderia revelar que, se o espaço ocupado pela Literatura no ensino médio regular é restrito, em uma escola técnica a situação apresenta mais um agravante: o viés mecanicista da educação profissional tende a rechaçá-la ainda mais.

Livros de imagem no ensino médio: coisa de criança?

A necessidade de um trabalho mais sistematizado com livros de imagem foi suscitada durante um dos encontros do projeto, quando apresentamos aos alunos “Chapeuzinho vermelho e outros contos por imagem”, de Ruy de Oliveira. O fascínio exercido pelos traços desse autor, que lhes mostrava uma versão cruel e pungente dessa história infantil, possibilitou que o grupo conhecesse a arte de narrar sob outra perspectiva: a narrativa a partir de imagens, signos não-verbais que, explorados em sua potencialidade artística e estética, contam-nos uma história.

Diante de livros como *Bocejo*, de Renato Moriconi e Ilan Brenman, e *O mistério da página 19*, de Juarez Machado, nos quais a narrativa se desenvolve exclusivamente por meio de imagens; os alunos, embora se mostrassem receptivos e bastante interessados, questionavam-nos a respeito de sua suposta infantilização. Sobre esse aspecto, Castanha (2008) nos adverte que:

A criança pequena que contempla e lê imagens de livros e revistas (...) com a mesma facilidade também lê livros sem texto. Entretanto, a maioria dos adultos, sejam eles pais ou professores, não conseguem esconder certo desconforto ao lidar com livros de imagens. A partir do momento em que é

¹ UERJ /CEFET – RJ/ PROALFA – UERJ. E-mail: sisilopes26@gmail.com.

² CAP-UFRJ / PROPED- UERJ/ PROALFA – UERJ. E-mail: josianess@yahoo.com.

³ Itaguaí é um município da Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

alfabetizada, que se aprende a decodificar os caracteres dos textos, gradativamente detalhes como a expressão das personagens, elementos do cenário, percepção de formas e cores, que antes eram determinantes para compreensão da história passam a ficar em segundo (ou último) plano. E como se, aos poucos, durante a trajetória de uma pessoa na vida escolar, ela se “desalfabetizasse” das imagens. (p. 145)

Outro questionamento diz respeito à própria definição de literatura como arte da palavra: se não há palavra não há literatura. Poderia a expressividade da palavra literária se fazer presente por meio das imagens?

Aguiar (2004) ressalta que nas interações humanas a imagem precedeu a palavra e aponta a existência de duas linguagens, cada uma delas operacionalizada por uma parte específica do cérebro: a lógico-racional, da qual se ocupa o hemisfério esquerdo, e outra, do lado direito, centrada nas imagens, nas metáforas e nos símbolos. Embora componentes linguísticos sejam processados em ambos os lados, será em função de seu caráter simbólico e imagético, ou não, que esse processamento será realizado em um hemisfério ou outro. Logo, palavras e imagens não são constructos opostos, porque a todo momento elas se complementam no processo de construção e representação do real: além das imagens como representação gráfico-simbólica, as palavras podem evocar imagens.

Nesse sentido, não havendo essa oposição, entendemos que a palavra literária, imagética em sua essência, pode se fazer presente pelas imagens, e vice-versa. Fittipaldi (2008) corrobora com esse ideia ao afirma que “a leitura de imagem, alimentada pela fantasia, é compreendida também como experiência estética: as formas plásticas são tão abertas às interpretações imaginativas quanto as formas da linguagem verbal”. (p. 109)

Para a autora, é possível observarmos nas imagens visuais fenômenos análogos ao da linguagem verbal, como é o caso das figuras de linguagem. A linguagem visual também pode exercer funções muito próximas daquelas manifestadas pela linguagem verbal escrita: a função representativa, que inventa ou imita a aparência de seres e coisas; a função descritiva, que especifica a aparência; a função narrativa, que situa seres ou coisas em lugares e tempo que, com o desenvolvimento de ações, vão se transformando; a função simbólica, que, por convenção cultural, sugere sentidos sobrepostos aos referentes; a função expressiva, ao revelar os horizontes sociais, os sentimentos e valores dos seres representados, bem como do autor; função estética, que enfatiza a forma, a cor, a composição dos espaços; a função lúdica comprometida com o jogo, com o humor. (p. 113)

No caso específico do livro de imagem, a narrativa visual é elaborada a partir de uma espécie de roteiro, que se caracteriza como uma ferramenta verbal, a qual organiza a sequência de ideias suscitadas pelas imagens, conferindo-lhes narratividade. Sendo assim,

“uma ou mais personagens em ação, objetos postos em relação num lugar em acontecimento: essas são as condições essenciais para colocar histórias em andamento. A composição dos elementos do desenho num configuração espaço-temporal confere narratividade à imagem”. (Idem, p. 98).

Embora tenhamos destacado alguns pontos de convergência entre a linguagem verbal escrita e a linguagem visual, é importante enfatizar que a imagem possui sua própria sintaxe e semântica, as quais se revelam nos planos da forma e conteúdo por meio de enquadramentos, perspectivas, traços, cores, entre outros elementos. Nesse sentido, o livro de imagem pode ser compreendido como um gênero discursivo (BAKHTIN, 2011) específico, que apesar de se

apresentar em uma materialidade originalmente vinculada ao verbal, traz a imagem como objeto pleno de sentido e não como complemento para o verbal.

Sob essa perspectiva, considerando o livro de imagem como objeto literário, decidimos propor, a partir do livro *Cena de rua*⁴, de Ângela Lago, uma atividade fazendo o caminho inverso: buscávamos compreender como a narrativa visual seria transformada em uma narrativa verbal escrita. Queríamos observar se as diferentes funções da linguagem visual, sobretudo as funções simbólica e estética, seriam consideradas pelos alunos em seus textos ou, ao contrário disso, se a escrita se limitaria a uma espécie de descrição das cenas, negligenciando os aspectos simbólicos e estéticos da narrativa.

Cena de rua, cenas escritas: imagens puxam palavras

A realização da atividade foi dividida em duas etapas. Na primeira, com duração de um encontro, o livro foi lido coletivamente em uma roda de leitura. Durante essa leitura, chamávamos a atenção dos alunos para os elementos constitutivos de sentido, fossem eles paratextuais ou textuais. Assim, além de ampliar o conhecimento dos estudantes quanto ao objeto livro, também foi possível compreender, passo a passo, o processo de construção dos sentidos do texto. Como os estudantes já haviam lido alguns livros de imagem, os mesmos foram capazes de atribuir sentidos às cores, aos traços, às formas, dentre outros aspectos que percebiam durante a leitura.

No encontro seguinte, propusemos a escrita. Tendo em vista o grau de dificuldade dessa atividade, algo inteiramente novo para eles, permitimos que fosse realizada em duplas. Para isso, fizemos uma nova leitura e disponibilizamos a projeção do livro e o exemplar físico. A seguir os textos na íntegra:

Texto I

Um jovem que ganha sua vida nas ruas volta às ruas para mais um dia de trabalho. Como de rotina, se depara com diversos preconceitos encontrados no Brasil. Ganha sua vida vendendo bolas comestíveis, pois no país onde vive os jovens são desvalorizados.

Com isso, acaba se envolvendo com a criminalidade, pois ao contrário morreria mais rápido. Porém, o jovem gosta dessa vida, pois gosta de ver cores, apesar de ser poucas cores, e como qualquer jovem sonha com várias coisas, e esses acontecimentos são rotineiros.

Texto II

Não se sabe ao certo quem ele era, mas sabe-se que o mesmo vive na rua vendendo algo que simboliza um semáforo. Onde para cada bolinha com uma cor, esta cor simboliza a reação dos personagens quando essas bolinhas são utilizadas. A princípio, parece ser somente um menino de rua querendo vender algum produto para sua sobrevivência. Porém com o decorrer do livro, podemos fazer uma comparação da cor das bolinhas com o sentimento das pessoas que a consomem ou utilizam.

Em um dia, ele não consegue vender as suas bolinhas. No primeiro carro, o homem fica com raiva e segue em frente. No segundo, dois carros amarelos

⁴ Publicada em 1994, a obra recebeu inúmeras distinções, dentre as quais se destacam: *Prêmio Octogone de Ardoise, França, Prix Graphique, Centre International d'Études en Littératures de Jeunesse, Paris*, e as *Placas BIB* em 1995. O livro narra os desafios, conflitos, medos e tensões de um menino de rua.

param e dentro deles há dois cachorros que latem com raiva e um motorista ri do menino. E ele segue em frente. No terceiro, ele ao tentar vender, se depara com um personagem roubando sua bolinha vermelha, o que podemos comparar o ato da pessoa maliciosa com a bolinha vermelha que significaria algo errado. No quarto e no quinto carro, ele é esnobado por mulheres que aparentam ter condições financeiras boas. No final do dia, em frente a um restaurante, depois de não conseguir vender suas bolinhas, ele come a verde que simboliza a perseverança que é seguir em frente e quando dá sua última bolinha, amarela, para um cachorro, chama a atenção dos carros. Após se ver sem nada, ele segue em frente rouba para sobreviver, o que chama atenção novamente das pessoas. Após abrir o presente, se depara com novas “bolinhas” e ali volta a vender. Assim percebemos que a vida dele é um mero ciclo que não muda.

Texto III

No começo do dia e da monotonia tudo é a mesma coisa. Os olhares, atravessados ou não, me atingem entre os carros. Se assemelha aos raios. Energias passam, mas deixam a sensação de amargo, se misturando com as cores e tantos outros sabores. Acostumo-me com as feras, que pelas janelas rosnam sem cessar. Em minha mente, a pergunta surge: por que o mundo me pede uma coisa que ele não me dá?

Onde eu passo, causo intolerância. Com um olhar direcionado as bolsas automaticamente se prendem junto ao corpo. Olho para o lado, continuo olhando para o outro. Vejo e almejo aquilo que não tenho e que estou fadado a não ter. No canto escuro, reponho o que eu posso, o que eu quero, o que mantém viva a minha perseverança. A atenção que não recebo quando causo mais uma peça em toda a rotina se transforma no inverso quando em um gesto rápido e impensado de tomar algo que não me pertencia. Ao descobrir o que continha naquela caixa, furtada, houve a convicção de que para aquilo havia nascido, para aquilo serve o meu lugar no mundo, e assim tudo se encaixa e recomeça.

No texto I, constatamos que os alunos apresentam uma espécie de resumo da obra, limitando-se a oferecer ao leitor aspectos gerais do seu enredo. É possível observar, porém, as marcas enunciativas dos jovens estudantes que formulam uma apreciação valorativa da situação apresentada na narrativa, aproximando-se das vivências do personagem e, com isso, expressando seus próprios desconfortos: “pois no país onde vive os jovens são desvalorizados”.

No texto II, os estudantes apresentam uma espécie de explicação da obra, tentando esclarecer alguns aspectos simbólicos da narrativa visual e limitando-se a descrever cada uma das cenas do livro.

O texto III, por sua vez, se distancia dos demais. Assumindo o ponto de vista do personagem, a narrativa é feita em primeira pessoa, as cenas que compõem a obra original se fundem de modo que o detalhamento dos fatos fica em segundo plano, dando lugar aos sentimentos e questionamentos da personagem diante do mundo. A linguagem simbólica presente na narrativa visual é, de certo modo, traduzida em linguagem verbal pelos estudantes, que transformam traços e cores em palavras: “Os olhares, atravessados ou não, me atingem entre os carros”; “acostumo-me com as feras, que pelas janelas rosnam sem cessar”; “no canto escuro, reponho o que eu posso, o que eu quero, o que mantém viva a minha perseverança”. A preocupação estética revela-se no estilo assumido pelos autores, que optam por uma linguagem essencialmente conotativa, conforme pode ser observados nos trechos anteriormente destacados. A circularidade da narrativa original também é abordada, não como uma repetição

da história, mas sim como a sina do personagem, gerando certo desconforto para o leitor, impotente diante da situação: “houve a convicção de que para aquilo havia nascido, para aquilo serve o meu lugar no mundo...”.

Considerações finais

Buscamos descrever, neste trabalho, uma experiência de leitura literária de livros de imagem com jovens estudantes do ensino médio, tentando evidenciar os desafios impostos por essa proposta, sobretudo, no que diz respeito aos estereótipos sobre esse tipo de produção literária e à complexidade imposta por esse tipo de leitura.

A análise dos textos produzidos pelos estudantes aponta para necessidade de um trabalho didático-pedagógico mais sistematizado ao longo de toda a escolarização, e não só nos anos iniciais, com os livros de imagem, de modo que os estudantes possam desenvolver uma leitura mais crítica e apurada desse gênero. Nesse sentido, concordamos com Castanha (2008) quando alerta que a escola poderia ser espaço para o desenvolvimento do interesse por outras linguagens, contribuindo para formação de leitores mais críticos e observadores, não apenas de textos e imagens, mas das várias formas expressivas do seu mundo.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: Unesp, 2004.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

FITTIPALDI, Ciça. O que é imagem narrativa? In: OLIVEIRA, Ieda (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.

CASTANHA, Marilda. A linguagem visual nos livros sem texto. In: OLIVEIRA, Ieda (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.